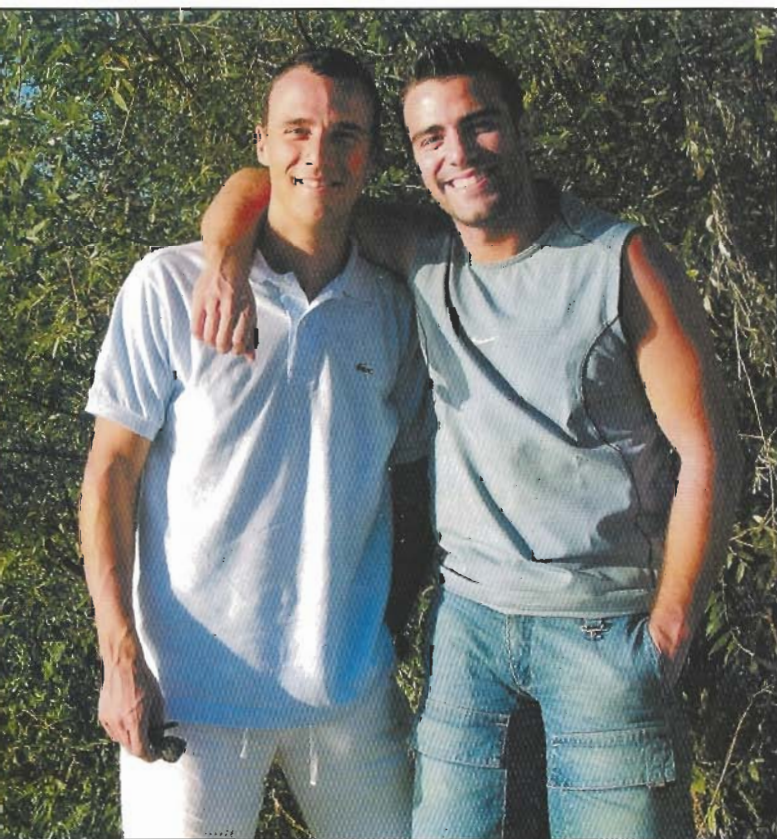


Companheiros para a vida

A alegria de ter irmãos

Quem tem irmãos pode aprender com eles tantas coisas e partilhar muitas outras. O amor fraternal enriquece o ser humano e estimula desde cedo a convivência tolerante com a diferença.

texto e fotos **Sílvia Júlio**





«É na infância que se aprende a partilhar, a dividir, a comungar saberes», afirma o psicólogo Manuel Coutinho.



Os quatro irmãos gostam de brincar juntos e os pais pediram aos pais mais velhos para a brincadeira.

Na casa da família Tavares ouve-se um burburinho que vem do quarto das crianças. Os miúdos estão a brincar ao faz-de-conta e usam a imaginação para ampliar um espaço exíguo com um beliche de três camas. Sentados num tapete, fecham os olhos e quase que por magia transformam o quarto numa «quinta» de vários hectares onde os humanos convivem pacificamente com dinossauros, macacos, leões, tigres e aranhas com ar de poucos amigos. Abraçadabra e abre-se um mundo de fantasia. Os brinquedos parecem ganhar vida. Até o hamster, o único animal verdadeiro da «quinta», tem direito a entrar na brincadeira dos irmãos Tavares. Quantos mais, melhor.

«Eu gostava de ter vinte manos para brincarem comigo», atira o João, de cinco anos. Por enquanto vai ter de se contentar com três: a Inês, de sete anos, o Pedro, de quatro, e a Joana, de sete meses. Os mais velhos inventam jogos, imaginam que têm «superpoderes», fazem circos e casinhas, brincam aos professores e alunos, às escondidas e à apanhada ao pé-coxinho. A mais nova da prole, a Joana – carinhosamente tratada por Didinha, o diminutivo de lindinha –, também já participa em algumas aventuras dos irmãos mais crescidos, que mal podem com os seus oito quilos e pegam nela ao colo como se fosse uma boneca de porcelana. Com medo de a deixarem cair, apertam-na tanto entre os braços que acabam por magoá-la. A Joana chora, grita e esperneia à espera que os manos se redimam, afagando-lhe o rosto de festas e dividindo com ela os animais da «quinta» imaginária. «Dá-nos muito gozo ver os nossos filhos a brincar. Eles são estimulados uns pelos outros e desenvolvem-se mais», reco-

nhecem os pais. Adriana Menezes e João Tavares, de 28 e 30 anos respectivamente, acreditam que «uma criança para ser feliz precisa de um pai e de uma mãe, mas para ser muito feliz precisa de um pai, de uma mãe e de irmãos».

A partilha

Esta família numerosa inverte a tendência para os filhos únicos. O núcleo familiar é cada vez mais pequeno. O nascimento de mais um bebé implica a reorganização da vida familiar, profissional e social. As economias, a disponibilidade e o espaço são também equacionados antes da vinda da cegonha. Não é fácil alterar as rotinas. Adriana diz que não é impossível com orientação: «Só gastamos aquilo que temos. Os brinquedos e as roupas vão passando de uns para os outros. As pessoas pensam que é melhor serem poucos para terem tudo, mas ter tudo é ter irmãos, é ter partilha. Só temos o amor de irmãos se os nossos pais tiverem a generosidade de nos darem pelo menos um.»

O casal planeou quatro crianças. Quando vier a quinta será uma «surpresa» bem-vinda para todos lá em casa. Os progenitores sabem que a relação fraternal é quase sempre a que acompanha durante mais tempo a existência dos filhos e, por isso, encaram a possibilidade de nova gravidez como uma



dádiva. «Eu sempre quis ter muitos filhos para que tenham apoio uns dos outros e nunca se sintam sozinhos quando os pais faltarem», confessa Adriana. A Inês tem a cabeça bem longe dessa preocupação e apresenta outro argumento mais adequado aos seus sete anos: «Se fôssemos filhos únicos não tínhamos ninguém para brincar.»

O modo como as crianças convivem entre si pode estar condicionado pela diferença de idades, o sexo, a proximidade, se são filhos do mesmo pai e mãe ou adoptados. Quando os miúdos vivem o dia-a-dia com os seus irmãos, descobrem o sentido da família, aprendem a ser menos egoístas e a desenvolver mais cedo a capacidade de se relacionarem com as outras pessoas.

«As dinâmicas familiares acabam por sair enriquecidas com o aumento do número dos seus elementos, porque cada pessoa traz à família experiência, sabedoria e maneio-

ras de estar diferentes. Quanto maior o número de irmãos – dentro dos limites do razoável – melhor será o equilíbrio daquela estrutura familiar. É na infância que se aprende a partilhar, a dividir, a comungar saberes. É na infância que se estruturam as bases para termos adultos saudáveis e felizes. Não há dúvida de que nós somos mais felizes na medida em que nos damos aos outros», explica Manuel Coutinho, psicólogo clínico e coordenador do SOS-Criança.

«O amor fraternal», acrescenta, «é um tipo de amor muito específico e os filhos únicos não têm esta experiência enriquecedora e muitas vezes desenvolvem-na junto de amigos para se sentirem felizes e realizados.»

Diz ainda o especialista que a forma como a criança se relaciona com os seus irmãos e o sentimento que nutre por eles são indicadores da atitude que o futuro adulto poderá vir a ter com os seus amigos e colegas.

As zangas

Ter irmãos é uma alegria, mas não se julgue que tudo são rosas numa casa cheia. São inevitáveis as queixinhas das maldades dos manos, os ciúmes pelos mimos divididos pelo número de irmãos, a competição pelo pódio da atenção dos pais e até alguma violência entre eles. «Quando todos queremos o mesmo brinquedo, pumba...bate-mo-nos e damos dentadas uns aos outros», conta o João. Nestas alturas, os progenitores não tomam partido por nenhum dos filhos e exercem a sua autoridade segundo o lema «um por todos e todos por um»: «Nós gostamos que eles pensem que são uma equipa, portanto, se se zangam vão de castigo para o quarto. Passados cinco minutos unem-se porque estão todos de castigo e começam logo a brincar.»

Estas disputas ocasionais ou até, por vezes, muito frequentes entre irmãos não devem ser dramatizadas. Os miúdos riem e barafustam por tudo e por nada. As gargalhadas misturam-se com as zangas. **Facilmente declaram guerra uns aos outros e apertam as mãos logo a seguir, baralhando os adultos. Estes comportamentos fazem parte do crescimento e não há motivo para alarme: «Os sentimentos de competição, rivalidade e algum ciúme fazem parte das relações ditas normais do sistema fraternal e por regra extinguem-se não comprometendo o relacionamento saudável,**



Os Anjos consideram que o seu relacionamento de irmãos é «espectacular». Os elos fraternais que os ligam fá-los sentir que são a «metade» um do outro.

pautado por atitudes de tolerância, de grande amizade, respeito, admiração, cumplicidade e solidariedade. O que pode ser preocupante é quando aparece o desinteresse e a indiferença e os irmãos não lutam, não se zangam. A rivalidade saudável é importante, não compromete em nada o relacionamento harmonioso que eles possam ter um com o outro. Em momentos decisivos da vida deles, certamente estarão lá sempre para se apoiar. Tudo isto não passa de etapas saudáveis no desenvolvimento», esclarece o psicólogo.

O Néelson, de 28 anos, e o Sérgio Rosado, de 24, são um exemplo típico de irmãos que ultrapassaram os arrufos do passado, e hoje recordam com graça os episódios rocambolescos que viveram durante a infância e adolescência. Apesar de serem conhecidos por **Anjos no mundo da música, reconhecem que chegaram a ser endiabrados ao ponto de haver «batalhas de almofadas».** A rivalidade e os ciúmes entre os irmãos Rosado começaram quando o primogénito, que na altura tinha quatro anos, se sentiu ameaçado com o nascimento do mais novo. «Havia uma senhora que vivia em casa dos meus pais e tratava de nós quando eles estavam a

trabalhar. Quando ela mudava a fralda ao Sérgio, colocava-me debaixo da cama dos meus pais e picava-a com um alfinete. Eu não queria que ela tocasse no meu irmão. Tinha um sentimento de posse perante o Sérgio e também de inveja, porque ela estava a dedicar mais atenção ao bebé. Eu era mais crescudote e tinha de ter mais atenção do que ele», conta o Néelson a estratégia que utilizou para reivindicar a exclusividade perdida com a chegada do recém-nascido.

Aventuras de irmãos

Quando o Sérgio começou a ter idade para brincar com o irmão mais velho, os ciúmes deram lugar ao companheirismo. Juntos, jogavam ao berlinde, ao peão, às caricas, faziam guerras com soldadinhos. À socapa, chegaram a unir-se para assaltarem o seu próprio pé-de-meia e comprarem um brinquedo para os dois: «Fomos ao nosso mealheiro sem os pais saberem e comprámos às escondidas um forte da *Playmobil*... isso deu um problema dos diabos. Levámos umas palmadas e ficámos sem poder brincar com aquilo durante algum tempo.» Uma traves-

sura pouco angelical que dificilmente será esquecida pelos irmãos Rosado. Mas há mais: a história dos *Anjos* também se escreve com outras diabruras. O Sérgio era o engenhocas lá de casa e as experiências nem sempre corriam bem, sobretudo quando os brinquedos do Nélsón serviam de cobaias. «Eu gostava de os desmontar para depois os montar de novo, só que faltava sempre uma peça qualquer. Lembro-me que uma vez estraguei um brinquedo do meu irmão e ele ficou em brasa. Foi uma confusão...»

O amor fraternal fá-los sentir que cada um tem uma «metade» que completa o outro. Partilham «segredos de anjo» que não ousam revelar a mais ninguém e contam sempre com o ombro do irmão para desabafar e ouvir um conselho que só os grandes amigos podem dar.

A sua sorte era ser o benjamim da família. Quando os irmãos brigavam, a acusação caía quase sempre em cima do Nélsón: «Quando era mais pequenino, ele ficava com as culpas», confessa o Sérgio, quase dobrado em dois de tanto rir.

«Em todas as relações de irmãos é o mais velho que tem de acarretar com as culpas por alguma coisa que o mais novo fez», lamenta o Nélsón, que sentiu algumas vezes vontade de se vingar. Não chegava a consumir o acto, porque os pais nunca permitiram que os filhos se «esticassem».

Elos fraternais

Na adolescência, os atritos já eram de outra natureza. A invasão do espaço alheio era um verdadeiro caso de polícia. O mais novo adorava mexer nas coisas do mais velho. O Nélsón, atento à curiosidade do Sérgio, apanhava-o sempre com a boca na botija. Outras pequenas guerras eram declaradas lá em casa quando o mais pequeno queria acompanhar o mais crescido nas saídas nocturnas e usufruir da mesma liberdade que o irmão. Encarava as regras parentais em espelho: as proibições e as regalias de um tinham de ser iguais para o outro.

Os irmãos Rosado olham para trás e sublinham que aquelas brigas, que designaram por «normais», nunca feriram a amizade

dos dois. Os elos fraternais não se soltaram com algumas cenas conflituosas que protagonizaram em miúdos e garantem que sempre foram muito amigos. «A forma de nos relacionarmos como irmãos é espectacular. Mas a base está nos nossos pais: uma família estável, que nos conseguiu sempre proporcionar uma vida feliz. Recebíamos carinho e tranquilidade em casa, e isso transpareceu sempre na minha relação com o Sérgio. Com certeza que existiram, existem e vão continuar a existir algumas zangas,

mas acho que isso é normal e a nossa relação enquanto irmãos só tem tudo a ganhar com esse tipo de situações, que depois conseguimos resolver», afirma o Nélsón.

Os dois cantam juntos desde 1988. Têm objectivos profissionais comuns, no entanto, as personalidades são diferentes. O primogénito diz que o mais novo é muito teimoso e desorganizado. O mais novo diz que o primogénito quando está de cabeça quente excede-se nas palavras. Aprenderam a lidar com os defeitos com «paciência, paciência e mais paciência». Aguardam que os ânimos fiquem menos exaltados para mais tarde conversarem e ultrapassarem as divergências com sensatez. «É importante que haja essa comunicação entre os dois. Tudo se resolve pela facilidade de sermos irmãos», confessam. Uma vez cede o Nélsón, outra cede o Sérgio.

O amor fraternal fá-los sentir que cada um tem uma «metade» que completa o outro. Ambos já constituíram a própria família, porém, continuam a viver quase como se fossem siameses. Moram no mesmo prédio e até mesmo naqueles dias em que não estão juntos nem se cruzam nas escadas, o telefone liga-os às novidades. Partilham «segredos de anjo» que não ousam revelar a mais ninguém e contam sempre com o ombro do irmão para desabafar e ouvir um conselho que só os grandes amigos podem dar. ■

Aproveite esta oportunidade!

Ofereça ou faça uma assinatura da «**Família Cristã**» e receba um convite duplo para ir ao teatro*.

Envie os dados para:
FAMÍLIA CRISTÃ
A/c Isabel Figueiras
Rua D. Pedro de Cristo, 10
1749-092 Lisboa
Tel. 21 843 76 20
Tlm 96 321 81 35
E-mail: publicidade@familiacrista.com

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

A PURGA DO BEBÉ

De Georges Feydeau



Encenação **Vitor Gonçalves**
Tradução **José Martins**
cenografia e figurinos **Maria João Silveira Ramos**
Euz. J. Carlos Nascimento
Com **André Gomes, Cátia Ribeiro,**
Francisco Costa, Luis Ramos, Maria Trade,
Miguel Martins e Teresa Gafeira

Teatro Municipal De Almada
De 14 de Outubro a 21 de Novembro
Tel.: 212752175, 212756567

MIC
MUNICIPIO DE ALMADA

Instituto das Artes

ALMADA
TEATRO MUNICIPAL

* Oferta válida para os primeiros 12 contactos